

Televisão: uma construção significativa da realidade

Ercio Sena

*Doutor em Letras pela PUC Minas
Professor do Departamento de
Comunicação Social da PUC Minas
E-mail: erciosena@gmail.com*

Resumo: O artigo discute a televisão como produção que visa à significação. A referência é o programa *Criança Esperança* da Rede Globo de Televisão. Ele é parte da produção elaborada com recursos que buscam um contato com o telespectador. No programa são utilizadas personalidades que fazem o espetáculo da televisão brasileira. Esse produto aproxima do cotidiano da vida social e leva estratégias argumentativas que permitem à emissora realizar seu projeto de intervenção social.

Palavras-chaves: Televisão, persuasão, cotidiano e vida social.

Televisión: una construcción significativa de la realidad

Resumen: El artículo analiza la producción de televisión que tiene como objetivo la significación. La referencia es lo programa *Criança Esperança* de TV Globo. La producción es elaborada con varias características que buscan el contacto con el espectador. En el programa se utilizan las personalidades que conforman el espectáculo de la televisión. Este producto se acerca a la vida cotidiana y toma las estrategias de lograr el emisor de su proyecto de intervención social.

Palabras-clave: Televisión, la persuasión, diario y la vida social.

Television: A significant construction of reality

Abstract: The article discusses how television production that aims to signification. The reference is the *Criança Esperança*, a program Globo TV. He is part of the elaborate production with several features that seek contact with the viewer. On the program are used personalities that make the show for years of Brazilian television. This product comes in everyday social life and leads to triumph argumentative strategies that allow the issuer to perform its social intervention project.

Keywords: TV, persuasion, everyday and social life.

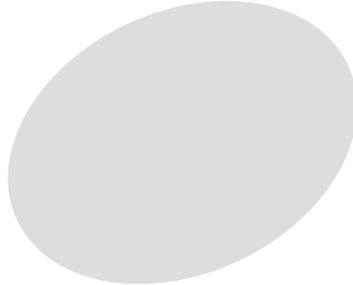
Introdução

Pensar a televisão como objeto que deva ser estudado requer uma convicção intelectual nem sempre bem recebida nos meios acadêmicos. Essa aposta torna-se ainda mais instigante quando se reconhece a necessidade de analisar esse veículo em meio a uma sociedade como a brasileira, em particular, que considera a televisão fútil e apta a provocar o rebaixamento cultural. Pensar a televisão requer também esforço reflexivo sobre sua utilização e papel que os meios de comunicação de massa têm na vida contemporânea.

Os meios, em particular a televisão, existem para o consumo e estão em relação permanente com a demanda de uma sociedade que se organiza em torno deles. Eles não são mais interessantes do que os sujeitos que os consomem, nem podem ser percebidos ou reconhecidos fora da relação com esses sujeitos. Além disso, os meios de comunicação conformam lógicas de poder e seus produtos

se desenvolvem no diálogo entre o interesse de dominação que representam e a expectativa do público, considerando a complexa estrutura que se impõe à difusão dos bens simbólicos.

A maior parte do conteúdo da televisão é formada por situações cotidianas, inscritas no senso comum



A inovação, a atenção permanente com os fatores condicionantes da produção, os interesses do público e dos meios de comunicação são características constantes da produção cultural midiática. Ela age na tessitura de um projeto de poder ancorado no contexto de uma complexa lógica de escolhas que conformará seus produtos. A televisão tanto pode projetar e realizar trabalhos importantes, como comprometê-los diante das condições de produção que esse meio de comunicação determina.

Em defesa de um tipo de estudo crítico sobre a televisão, Arlindo Machado (2003) contrapõe o fenômeno da banalização da literatura, ao qual ele se refere como uma sublitteratura especializada em produtos de *consolo e manuais de auto-ajuda* dirigida a um público de massa. Nesse trabalho, o autor enumera várias produções tomadas como ícones da criação artística que foram elaboradas no espaço da televisão.

As preocupações do autor se situaram prioritariamente na discussão sobre recursos e qualidade da produção televisiva e, com isso, destacou o incômodo com a simplificação de algumas análises sobre o papel da tevê. Ao propor que o meio receba outra forma de abordagem, mostra que a televisão se encontra no mesmo contexto em que outras produções culturais são realizadas,

para questionar: “Por que a televisão deveria pagar sozinha pela culpa de uma mercantilização generalizada da cultura?” (Machado, 2003:10).

Embora seja possível reconhecer a pertinência dos argumentos destacados por Machado em defesa de algumas produções televisivas, essa não é a opção que orienta este trabalho. Nele, a televisão constitui-se como um objeto relevante também por sua qualidade, mas essencialmente por causa da sua força gregária e papel na vida social.

Estudar a televisão por sua importância na sociedade brasileira, suas formas de produção de sentidos é olhar de um lugar privilegiado para compreender a vida das pessoas desse tempo. É buscar na linguagem, que constrói e constitui o sentido de humanidade, as articulações significativas orientadas para a produção simbólica e sua mediação com o mundo. É desafiar o entendimento dos próprios limites e, ao mesmo tempo, para uma ampliação de sentidos que a relação com esse meio de comunicação possibilita.

● **Televisão e sociedade**

Mesmo antes da televisão se afirmar como principal meio de difusão da cultura de massa, Benjamin (1994) já mostrava os efeitos da exposição pela técnica da reprodução na política. Ao propiciar a ampliação do alcance da palavra nessas condições, o rádio e o cinema indicaram a possibilidade que os efeitos de uma ampla acessibilidade poderiam provocar no comportamento do orador.

Seu objetivo é tornar “mostráveis”, sob certas condições sociais, determinadas ações de modo que todos possam controlá-las e compreendê-las, da mesma forma como o esporte o fizera antes, sob certas condições naturais. Esse fenômeno determina um novo processo de seleção, uma seleção diante do aparelho, do qual emergem, como vencedores, o campeão, o astro e o ditador (Benjamin, 1994:183).

O fato de o cinema possibilitar a autorrepresentação, como acontecia nos filmes

russos analisados por Benjamin, já indicava para o autor a aspiração do homem moderno de ver-se representado na tela, ampliando o alcance de seus propósitos. Com o advento e a crescente força da televisão, essas condições assumiram contornos mais amplos, com fortes efeitos no campo da política e em outras práticas sociais. Pode-se afirmar que não há movimento ou organização social em uma sociedade moderna que não tenha a argúcia de definir suas estratégias sem levar em conta as melhores condições de difusão de suas ações por meio da mídia.

Bourdieu (1997), ao trabalhar a crítica sobre esse meio, sustenta posições diferentes da perspectiva em que esse trabalho se inscreve. Sua análise está entre aquelas que responsabilizam as condições de produção da televisão pelo rebaixamento dos níveis culturais e político. Associa esses fatos ao papel de árbitro que a tevê exerce para permitir acesso à existência social e política dos atores sociais. Destaca que o conhecimento sobre as práticas comunicativas que envolvem a televisão é tão importante para o êxito de uma causa política como a mobilização real das pessoas que se movem nesse sentido.

Jost (2009) se contrapõe ao argumento apresentado por Bourdieu dizendo que ele se refere à televisão como um todo, embora critique apenas o funcionamento da informação. Considera que essa posição representa um reducionismo em relação ao que a tevê representa. De acordo com Jost, os telejornais respondem por cerca de 10% do que se produz na televisão e é comum, em algumas análises, instruída por esse tipo de recorte, tomar o produto como sinônimo do meio de comunicação. “Confundir a televisão com uma de suas missões (informar) diz muito sobre o valor que se atribui às outras missões (entretêr, instruir) e às emissões que reivindicam para si essa função” (Jost, 2009:30).

Com isso, o autor mostra que os estudos que privilegiam a televisão são considerados legítimos se estão de acordo com aquilo que o investigador considera que é a função da tevê: “... se todo mundo concorda com

a necessidade de analisar como é tratada a informação, a ficção não parece digna de interesse, acusada que é por sua função de entretenimento” (Jost, 2009:30). Mostra que várias produções são frequentemente desprezadas, como se fossem os *parentes pobres* das abordagens sobre a televisão, indignas de interesse investigativo.

Para ele, a televisão deve ser vista, entendida e definida com toda diversidade de seus produtos, tecnologia, papel social e usos que fazem dela um meio essencial na sociedade. Para indicar como opções diferentes de abordagem na televisão podem ser promissoras, o autor destaca os estudos brasileiros sobre telenovelas, em função da centralidade que esse produto assumiu no país. Jost entende que isso justifica a presença do produto telenovela na maior parte das investigações brasileiras que tratam da televisão.

A maior parte do conteúdo da televisão é formada por situações cotidianas, inscritas no senso comum. Vera França (2009) mostra o papel da televisão a refletir e responder à disposição social de dar grande valor às questões locais no contexto em que se busca o retorno ao comunitário e a aspiração de viver em segurança.

A televisão reflete e responde a esta tendência de retorno ao próximo e à necessidade de segurança. Sobretudo no âmbito dos telejornais, cresce o enfoque da realidade cotidiana, da vida de todos os dias, do entorno, das práticas comunitárias. Tanto os perigos, violência e desregramento da vida urbana são monitorados e denunciados, como as práticas de proteção, os gestos de solidariedade, as histórias edificantes são valorizadas e ressaltadas (França, 2009:37).

A autora destaca que a ação da televisão contribui para organizar e tornar inteligível os acontecimentos provenientes do mundo externo. No âmbito doméstico, o discurso da televisão atua de modo a recompor, facilitar e tornar inteligíveis situações provenientes de outros lugares. Essas diferenças irão compor o cotidiano dos espectadores que poderão experimentar esta realidade em sua

forma mediada. Os produtos da televisão são fontes de informação, entretenimento e experiência. Sem ela não seria possível a compreensão do mundo contemporâneo que se referencia também na partilha de significações que acontecem apenas na experiência midiática.

A televisão se apresenta como lugar privilegiado para o consumo, não só porque oferece produção para fruição dos telespectadores, mas também porque seu cotidiano é construído com os valores vividos em conflito na sociedade.

Em defesa da televisão e sua produção seria possível apresentar o fato de ela oferecer ao público o que ele quer e, com isso, os valores e as formas difundidas estariam justificados pela sintonia com o telespectador. Entretanto, é necessário reivindicar no consumo da tevê o que a maioria de seus produtos não permitiu conhecer. Não se trata de excluir do cardápio de opções as preferências populares, mas de alargá-las com outras possibilidades inscritas no universo da cultura. Não é possível constituí-las sem partilha de valores e significações idealizadas. Na televisão, esses sentidos são trabalhados como panos de fundo do tecido social nos quais indivíduos e comunidade irão se instruir em modos de convivência.

Silverstone (2002) mostra que na tradição oral a memória dependia de ampla participação da população para sua construção e reprodução. Na era dos meios de comunicação de massa, esse processo pode ocorrer de forma diferente, com a mídia desempenhando papel fundamental. A memória trabalhada na era midiática, embora seja elaborada com materiais que compõem a vida social, tem critérios para edição não compartilhados em amplo processo. Para o autor, a participação social é reduzida ao fornecimento de insumos retirados de suas práticas culturais, subsídio essencial para produção desses materiais e para o consumo exaustivo e fragmentado deles.

Importa (e muito) o que se quer que a televisão produza e isto é um terreno em

disputa, obviamente em condições que favorecem valores dominantes e o papel que os meios cumprem em favor desse sistema e de suas instituições. Por outro lado, o entendimento sobre os modos como os sujeitos se apropriam da produção cultural televisiva e as diferentes concepções que compõem a vida social a alimentar essa produção não podem ser descartadas como saber menos importante.

As relações com os meios de comunicação envolvem condições sobre as quais essa reflexão acontece e são, portanto, indispensáveis para qualquer propósito que envolva um plano de estudos sobre os meios de comunicação de massa, em particular a televisão. Por seu alcance, por ser o meio de consumo mais popular e pela importância que tem na cultura brasileira, se a tevê não pode ser tomada em estado de celebração pelo papel essencial que desempenha, deve ser considerada, pelo menos, como objeto de reflexão necessária, uma vez que existe na articulação com a vida social e seu entendimento diz muito sobre as relações construídas nesse terreno.

A experiência mais significativa do Brasil com a televisão está intimamente associada ao desempenho da Rede Globo de Televisão nas últimas décadas. A emissora teve papel destacado na consolidação da relação desse veículo com a maior parte dos telespectadores brasileiros. Em princípio, as articulações que viabilizaram sua existência foram severamente contestadas. No plano político, apoiou decisivamente o regime militar ao longo de 21 anos de ditadura.

Nesse período, um conjunto de fatores levou a emissora a se consolidar como a maior rede de televisão brasileira. O programa comentado neste trabalho é um produto institucional dessa rede de tevê. Pioneira no processo de modernização tecnológica, conservadora no plano político, fortemente contestada por segmentos populares e democráticos da sociedade brasileira, a emissora, desde cedo, buscou ajustar sua produção à expectativa da audiência. Essas condições,

aparentemente contraditórias, conduziram a emissora a um lugar de destaque no cotidiano da vida nacional.

A Rede Globo de Televisão no Brasil

Em trabalho coordenado por Borelli e Priolli (2000), um grupo de pesquisadores tentou explicar o acúmulo de força e decréscimo do poder da Rede Globo. Parte desse trabalho é dedicada à análise sobre o alto padrão de qualidade, um dos fatores responsáveis pela liderança absoluta da emissora na maior parte de sua existência. De acordo com os autores, a associação com o grupo Time Life foi determinante para que esse padrão fosse atingido. Referenciada no modelo norte-americano, a emissora empreendeu uma mentalidade empresarial e administrativa que a colocou em posição de vantagem em relação à concorrência. Logo que entrou em operação, fez-se a escolha por uma produção com comando centralizado.

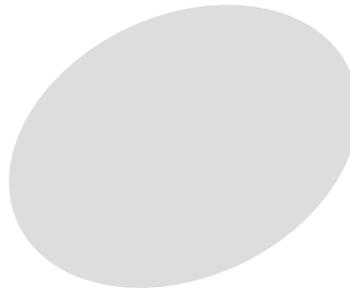
Os autores destacam que a parceria com o grupo americano não só traria benefícios no gerenciamento, como também no treinamento das equipes que, aos poucos, consolidavam a importação do modelo de televisão americana, ambientado ao contexto e hábitos de consumo dos telespectadores brasileiros.

Desde o início a emissora opta por fazer uma programação em consonância com as expectativas do telespectador. Para isso, se vale de pesquisas e sondagens capitaneadas por seu Departamento de Análise de Pesquisa. Como desdobramento dessa orientação a emissora cria o sistema de trilhos.

A ideia do trilho consiste basicamente numa análise comparativa entre, por exemplo, o comportamento da história novelesca e os índices de audiência nos 30 primeiros capítulos. Cria-se a partir desses dados um trilho para o desenrolar da trama e dos próprios índices de audiência. Análises semanais dizem se os índices seguem os trilhos traçados; caso contrário, opta-se por uma intervenção na trama da novela, obedecendo às análises feitas em

relação às expectativas do público pesquisado (Borelli; Priolli, 2000:82).

Dessa forma, qualquer sinalização de aceitação ou insatisfação do público passa a interferir diretamente na programação da emissora. Embora os anunciantes fossem fa-



Não se trata de excluir da TV as preferências populares, mas de alargá-las com outras possibilidades do universo da cultura

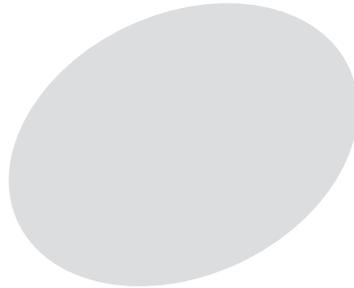
tor determinante para organizar o sistema de produção, os produtos teriam que levar em consideração as tendências e manifestações presentes na audiência. A televisão como negócio, que depende essencialmente da relação com o público, não poderia se desvincular dessa orientação.

A tecnologia de ponta também é destacada como um importante recurso que propiciou e consolidou a liderança da emissora no Brasil. Os pesquisadores apontam que, desde o início, as transmissões da Rede Globo contam com o recurso do videoteipe, fundamental para que a emissora pudesse corrigir a maior parte de seu material gravado antes da veiculação.

Outro fator que se soma para explicar a liderança da rede de televisão diz respeito à intervenção política. No trabalho analisado, os autores relatam a pressão exercida pela ditadura militar para que a transmissão da Copa de 1974 fosse feita com a nova tecnologia da televisão em cores. Essa pressão favoreceu a emissora, que era uma das poucas em condições de fazer os investimentos necessários. Aos poucos, as novelas, que são o carro-chefe da programação da emissora, e outros produtos se beneficiaram fortemente dessas inovações.

Associado a esse fato, o projeto de integração nacional, coordenado pelos militares, resultou em investimentos em infraestrutura que tinham como objetivo promover a integração cultural a partir do desenvolvimento tecnológico, com foco especial na disseminação da televisão. O Estado promoveu a dinamização do mercado interno, facilitando o

*O Criança Esperança
não é uma construção
que promove a
idealização do real
e nem tem com ele
apenas uma relação
de transparência*



crédito para que os consumidores pudessem adquirir os aparelhos de tevê, entre outros bens de consumo.

Outro ponto que se destaca no chamado padrão globo de qualidade é a estética limpa que propõe ao telespectador. Nitidez da imagem, impessoalidade, eliminação de improvisos, erros e ruídos foram criando um diferencial entre os produtos da emissora e os de seus concorrentes. Nos anos 1990, algumas exigências conjunturais levaram a emissora a tomar outras direções que afetaram o modelo até então exitoso. A lenta e sazonal incorporação das massas populares indica que produtos com grande audiência em setores populares passem a ter importância para os anunciantes e isso também contribuiu para que a emissora rearticule sua produção.

No final dos anos 1980, a emissora já presente o vigor de uma concorrência interessada na divisão do bolo publicitário, até então controlado, quase que totalmente, pela Rede Globo. O fato da emissora não registrar, nos anos 1990, índices de audiência como aqueles alcançados nas décadas anteriores e ter sua presença diminuída na divisão das verbas

publicitárias estimulou a ação desse grupo de pesquisadores (Borelli; Priolli, 2000). Na conclusão dos pesquisadores, alguns fatores responsáveis por esse decréscimo foram destacados. Entre eles estão a regionalização da programação e a tecnologia, hoje mais acessível e, portanto, ao alcance da concorrência, que aprendeu, imitou e, ao mesmo tempo, promoveu inovações num terreno em que a emissora atuava de maneira isolada.

Com isso, a enorme distância que havia em relação à qualidade dos produtos da emissora, ao longo de duas décadas e meia, foi encurtada, mas não superada. A emissora segue como líder na primeira década do século XXI. No dizer dos pesquisadores, a deusa não foi vencida, mas encontra-se ferida.

O ano de 2007 é o ano em que ocorre a vigésima terceira edição do programa *Criança Esperança*. É o produto que responde pela ação social mais importante da emissora. Surgido em meados dos anos 1980, o programa pretende intervir num problema social, levando a emissora a se associar a valores que lhe permitam novas formas de inserção no imaginário de sua audiência extensa e significativa.

A análise sobre o propósito do programa possibilita conhecer melhor os modos como ela reconhece o telespectador e se nomeia diante dele nos dias de hoje. Sem romper com a história que a trouxe a esse lugar, a emissora propõe algumas perspectivas de entendimento sobre os problemas da infância brasileira. A arquitetura desse jogo interativo e a explicitação de sua autoimagem serão perseguidas no percurso dessa análise.

O programa *Criança Esperança*

Criado há 26 anos, o objetivo do programa é sensibilizar a população brasileira a participar da campanha de arrecadação destinada a projetos voltados para promoção e defesa dos direitos de crianças e jovens brasileiros. A partir de então, desenvolve-se uma campanha anual em que um grande

evento midiático, o *show* do projeto *Criança Esperança*, é preparado e veiculado no mês de agosto, com a participação de atores, jornalistas e profissionais da emissora, personalidades do mundo esportivo, cultural e empresarial.

O programa de televisão *Criança Esperança 2007* teve a educação como tema e deu ênfase à questão ambiental. Repetindo a fórmula dos anos anteriores, um *show* musical foi apresentado no segundo sábado do mês de agosto, iniciado após a novela das nove. O *show* anual do projeto *Criança Esperança* teve duração de quase três horas, intercalando a presença de atores e cantores no palco, montado no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, com transmissão ao vivo para todas as emissoras afiliadas à Rede Globo no Brasil e no exterior.

O *show* da edição analisada foi apresentado em duas partes. A primeira aconteceu no sábado, por volta das 21 horas e 40 minutos, até 1 hora e 30 minutos do domingo. A segunda parte foi apresentada no domingo, das 13 até 15 horas, quando se iniciou o programa *Domingão do Faustão*.

Um dos destaques dessa edição foi a reiteração constante da informação sobre as doações e a impossibilidade de que elas viessem a gerar benefícios fiscais para a emissora. Outro aspecto enfatizado é que o dinheiro doado para o projeto era depositado diretamente na conta da Unesco, parceira da Rede Globo e responsável pelo gerenciamento desses recursos. A iniciativa da emissora foi uma reação a um comunicado crítico ao projeto *Criança Esperança* que circulou na internet afirmando, entre outras coisas, que o dinheiro das doações tinha o objetivo de garantir vantagens fiscais para emissora.

Nas diversas solicitações, orientadas para busca do telespectador, estão os valores nos quais o programa se inscreve e também o pedido para que ele ligue e contribua para o projeto mudar a situação indesejada de crianças e jovens. Ao elaborar um discurso sobre as crianças brasileiras, a emissora de

televisão faz emergir, por meio dele, outros discursos e vozes que trabalham e refletem o dramático quadro social vivido pela infância pobre do Brasil.

O programa não é, portanto, uma construção que promove um tipo de idealização do real e nem tem com ele apenas uma relação de transparência. A realidade que se toma como referência é produto da linguagem instituída como forma de ação no mundo em busca de sujeitos capazes de refletir e agir na relação com ela. O programa *Criança Esperança* é tomado como um evento midiático que, embora trabalhe com o senso comum, visa a um tipo de ação diferente daquele que poderia ser admitido como uma atitude apática diante das diversas situações encenadas.

O programa tem como projeto instituir um discurso voltado para práticas sociais elaboradas, dirigidas e incentivadas pela Rede Globo de Televisão. Para isso, ele foi apresentado em formas de enunciação que vão desde reportagens a curtas encenações teatrais, construídas especificamente para afetar o telespectador, na expectativa de que ele venha a aderir aos apelos da emissora.

Ao longo da programação voltada para entreter, informar, denunciar e levar o interlocutor a agir, a atualização dos dados sobre a infância foi constantemente apresentada para que o cenário que envolve a vida da maior parte das crianças brasileiras fosse compreendido no enquadramento proposto pela emissora.

Entre uma atividade de entretenimento e outra, o programa promoveu uma série de notícias por meio dos apresentadores ou mesmo das jornalistas, que divulgaram números da arrecadação e levaram as informações produzidas ao telespectador. Diferentes lugares do país foram mostrados, para reportar acontecimentos que envolvem aspectos dramáticos dessa situação.

As apresentações musicais foram articuladas para envolver o telespectador com propostas construídas para seu entendimento, sensibilização e atitude. Despertá-lo para o

conhecimento sobre essa dimensão no intuito de aproximar os fatos de sua experiência foi a expectativa e a aposta inequívoca da emissora de televisão. Para isso, acontecimentos que circundam essa realidade, surgidos no contexto de produção de notícias da emissora, foram resgatados e programados para apresentação no ápice da campanha anual.

As soluções trazidas pelo programa foram apontadas como forma de superação dos problemas e, ao mesmo tempo, a esperança que impulsiona a alteração dessa realidade. A busca dessa atitude passa pelo desafio de construir um sentido, fundamento de qualquer atitude a ser tomada em função dessa interação de comunicação. A ação por meio da linguagem visa ao compartilhamento da solução proposta pelo programa e será a finalidade que o programa, construído para significar, propõe. A busca dos sujeitos ocorre por meio do discurso proposto pelo programa e em formas específicas de refletir o cotidiano.

O discurso do *Criança Esperança* é orientado por uma dimensão passional, cognitiva e pragmática, nem sempre nesta ordem. Pela primeira dimensão, o telespectador é sensibilizado para comprometer-se com a ação empreendida pela emissora. Os acontecimentos preparados especialmente para transmissão são ricos em tensões que visam a propiciar um tipo de experiência sensível ao telespectador.

A dimensão cognitiva busca constituir um saber sobre o problema para informar e elaborar um diagnóstico sobre o qual as pessoas devem agir. Na dimensão pragmática, o planejamento da fala estará submetido à meta de fazer o sujeito agir diante da encenação do discurso, interessado em interferir e modificar o curso dos acontecimentos narrados.

O programa apresentou uma proposta que focalizou e mostrou cenas de diferentes lugares para promover situações dramáticas, experimentadas pelas crianças brasileiras. Embora essa perspectiva busque a delimitação de um campo de sentido a ser

produzido, a interação possibilitou também a abertura de outros feixes que, como fibras nervosas, se ramificam a se propagar em diferentes perspectivas.

A ação de comunicação, com o objetivo de sensibilizar o público, não foi feita sem que houvesse uma consistente construção argumentativa. No programa *Criança Esperança* ocorre um constante exercício retórico com uma reiteração permanente de pedidos. A persuasão, como efeito da retórica, faz parte de um apelo constante, principal recurso de uma linguagem orientada para ação. O objetivo do programa é a adesão ao apelo e a construção de uma relação com o telespectador. Isso é feito por meio de uma reiteração constante de anúncios, matérias jornalísticas e o show, ápice do esforço persuasivo construído pela Rede Globo de Televisão, visando à resposta do telespectador aos meios de comunicação de massa.

Alguns princípios da retórica elencados por Silvertone (2002) estão presentes na linguagem dos meios de comunicação e podem ser identificados no enredo do programa global. A liberdade como condição essencial para que as pessoas sejam convencidas a agir de um modo e não de outro é um deles. A diversidade como o reconhecimento de que as pessoas pensam de modo diferente e, por isso, é preciso que sejam sensibilizadas para compartilhar um ponto de vista, capaz de conduzi-las a uma ação comum. Pela retórica apoiada nas imagens da tevê, pretende-se conquistar uma audiência, firmada em função de um apelo que tocou, afetou e criou condições para a ação do sujeito.

Os recursos utilizados são os que possibilitam levar o indivíduo ao lugar comum da compreensão da realidade e, ao mesmo tempo, prometer o estabelecimento de novos padrões de vida em sociedade. Esses lugares podem variar, dependendo do contexto em que forem evocados. Com farta disponibilidade de imagens que a tevê possui, a retórica, trabalhada no apelo do programa, tem a seu favor o efeito de verdade que a televisão tão

bem utiliza para construir representações e reforçar valores desejados.

No programa *Criança Esperança* não se busca apenas a audiência. A relação com o telespectador vai além do desejo de atraí-lo e entretê-lo durante a programação anunciada e veiculada. O telespectador é tensionado a agir e se sensibilizar com os fatos por meio da palavra articulada às imagens, pelo argumento.

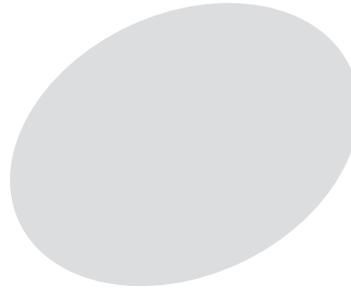
Para isso, é necessário construir a representação indesejada de uma realidade inóspita. Depois de esboçar o quadro de contrariedades e instituir um apelo à esperança, o espectador é convidado a uma nova atitude que pode conformar outra realidade. Convoça-se o indivíduo, sensibilizado a agir pela mudança, e ele, investido de um sentimento de cidadania e compromisso social, atua em conformidade com o apelo da televisão para alterar uma situação impossível de aceitar e conviver. No cenário proposto para essa representação, o apelo que se dirige ao telespectador pretende produzir efeitos que resultam em um projeto de vinculação social a partir do compartilhamento das significações propostas.

A idéia de manipulação como conotação negativa não pode ser a única dimensão reivindicada na análise dos meios de comunicação, mesmo que se leve em consideração os propósitos dos meios e suas articulações em favor de um poder constituído. É indispensável reconhecer que, em boa parte das trocas linguageiras, quando se tenta, por meio da fala, fazer alguém acreditar ou agir, um tipo de manipulação, pelo menos no uso da linguagem, pode ser destacada.

A manipulação estará presente toda vez que houver pretensão de fazer funcionar, informar, acionar, controlar, manipular ou levar alguém a agir. Se, por um lado, a crítica sobre o controle e manipulação dos meios pode ser vista como um problema no que diz respeito à regulamentação do uso dos meios de comunicação em favor dos interesses de uma sociedade plural, por outro, não cabe ao pesquisador focalizar seu esforço apenas

nesse juízo prévio se seu objetivo é conhecer os processos que envolvem a materialidade da linguagem nos meios de comunicação e sua articulação com a vida social.

Por esta perspectiva, os meios são buscados não apenas como fonte de poder e ma-



A idéia de manipulação como conotação negativa não pode ser a única dimensão reivindicada na análise dos meios de comunicação

nipulação de interesses, na maioria das vezes, contrários aos empenhos democráticos da sociedade, mas também o são pela compreensão do seu papel como articulador da cultura e de outras redes de significação.

Na análise dos esforços empreendidos pela emissora para convencimento do telespectador não se buscou quantificar essa produção, mas buscar sentidos mais amplos que ajudam a construir e sedimentar a cultura na vida social. O produto oferecido pela televisão aparece como articulador de um forte sentimento de mudança de uma realidade hostil, que afeta direta e indiretamente o cotidiano da vida social, trazendo um apelo agregador em favor da superação desse desafio. Para que seus fundamentos fossem percebidos buscamos situar o funcionamento dos meios de comunicação na dinâmica social, assim como seu papel significativo na tessitura dos valores que o sustentam.

● Considerações finais

Através dessa análise procurou-se destacar alguns elementos que concorrem para atuação dos meios de comunicação como força essencial na produção de sentidos

completamente assujeitada pela reconhecida força dos meios de comunicação. É da própria condição da existência e da problematização oferecida pelo mundo que o meio elabora seu discurso e situa seus objetivos numa relação que parte do compartilhamento de uma situação comum. Mesmo que o papel interativo do sujeito seja menos proeminente, não se pode descartar seu comprometimento nessa relação para explicar a força da televisão. Sem o engajamento mútuo não há meios de comunicação de massa. Há que se reconhecer que tal força não poderia ser explicada sem que um forte desejo pela interação não alimentasse a condição humana. A tevê sustenta sua força por jogar o jogo da interação em busca de sentidos. No programa Criança Esperança se busca constantemente tecer um discurso sobre um objeto do mundo, endereça-lo a outros sujeitos e apostar num propósito de construir uma relação. Esta é uma prática essencial ao meio de comunicação que está presente de forma mais aberta ou velada, mas nunca ausente de qualquer um de seus produtos.

A televisão, ao perceber as sinalizações de compromisso com esse jogo, faz da palavra

uma ponte capaz de promover uma ação comum entre pessoas. Com isso, interfere na forma de conceituar o mundo e oferece aos outros diferentes possibilidades de agir e viver. Ao representar um papel, solicita dos outros uma crença, um tipo de compreensão que pode ser uma referência para outras atitudes. É disso que se vale a força desse dispositivo empenhado na atividade incessante de produzir sentidos.

Para que um desempenho solicitado se realize, uma relação se consolide, o contexto e as pretensões envolvidas numa interação devem ser reconhecidas. A atuação consonante entre o locutor e o alocutário, no entanto, não se realiza apenas como decorrência desse reconhecimento e empenho por parte dos protagonistas. Para compreender o jogo das interações é necessário entender o papel desse meio, principalmente, como articulador. A perspectiva da interação, observada desse lugar, é fruto de um encontro assimétrico, mas necessário para aqueles que se agregam em torno dos produtos dos meios para tomá-los como referência de sua ação no mundo.

(artigo recebido fev.2013/ aprovado mai.2013)

Referências

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. [Obras escolhidas. Volume 1].
- BORELLI, Silvia; PRIOLLI, Gabriel. "Obsessão do melhor: padrão Globo de qualidade". In: BORELLI, Silvia; PRIOLLI, Gabriel. **A deusa ferida: por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência**. São Paulo: Summus, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- CHARAUDEAU, M. "Uma teoria dos sujeitos da linguagem". In: MARI, H. et alii. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2001, p. 23-38.
- FRANÇA, Vera. "A televisão porosa: traços e tendências". In: FILHO, João Freire (Org.). **A TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 27-52.
- FUCKS, Andréa Márcia S.; ACCIOLI, Márcia Hora. **Espaço Criança Esperança: um projeto pedagógico de inclusão social**. Brasília: Gráfica e Editora Terra, 2003.
- JOST, François. **Compreender a televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora SENAC, 2003.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.